
A SEGREGAÇÃO SOCIAL E AS ACTIVIDADES DESPORTIVAS NO CONTEXTO HISTÓRICO COLONIAL DE MOÇAMBIQUE

Edmundo Roque Ribeiro

Resumo

O presente trabalho pretende efectuar um resgate histórico em relação ao desenvolvimento urbano de Lourenço Marques, assim como quanto as relações sociais existentes na sociedade colonial. Este artigo baseou-se na pesquisa bibliográfica, através da qual foi verificada a existência de uma segregação social em Moçambique durante a época colonial, sendo uma das suas formas de manifestação, a existência de assimetrias espaciais na distribuição e utilização do equipamento desportivo.

Palavras-Chave

Urbanização, Segregação, Equipamentos desportivos.

THE SOCIAL SEGREGATION AND THE PORTING ACTIVITIES IN THE COLONIAL HISTORICAL CONTEXT OF MOÇAMBIQUE

Edmundo Roque Ribeiro

Abstract

This paper shows a historical rescue of colonial mozambican societ's relationships, it is also showed the main steps of Lourenço Marques urban development, with special regard on the sports equipments distribution in the city place.

By means of a bibliographical research, it was found a segregation in mozambique's colonial times; it also verified a differences among the sports equipment distribution in the city.

Key-Words

Urban development; Segregation; Sports equipment.

INTRODUÇÃO

Porque o entendimento de alguns aspectos da sociedade actual depende em certa medida do recente passado colonial de Moçambique, julgamos ser importante o resgate de alguns aspectos desse passado. O texto aqui apresentado, constitui parte da pesquisa bibliográfica que vem sendo feita pelo autor, enquadrada no 1º ano do trabalho de dissertação para o mestrado em estudos do lazer, na Unicamp, relacionado com a problemática do espaço e dos equipamentos de lazer na cidade de Maputo¹.

Pretende-se através do retrato das relações sociais existentes no então Moçambique colonial, compreender o significado da actual distribuição dos espaços e equipamentos de lazer em Lourenço Marques. Por termos identificado até ao momento poucos trabalhos relevantes em relação a temática que pretendemos abordar, o nosso texto esta baseado principalmente nos trabalhos de tese de Mendes² e Buendía³, que tratam respectivamente da urbanização em Lourenço Marques e Educação na sociedade moçambicana. Neste sentido o texto aqui apresentado constitui uma síntese através da qual, pretendemos resgatar dados que nos permitam entender os problemas atuais do espaço urbano na cidade de Maputo, assim como proceder ao levantamento de alguns os aspectos que julgarmos mais relevantes para discussão futura relacionada para o nosso trabalho.

A SEGREGAÇÃO SÓCIO-CULTURAL

Moçambique assim como outras ex-colónias africanas, sofreu as consequências da dominação colonial de quase quinhentos anos, marcada pela opressão dos povos nativos e por desigualdades econômicas, sociais e culturais, em prejuízo da população local. A colonização recentemente vivida, ainda tem as suas marcas bem patentes na actual sociedade moçambicana.

A sociedade e educação moçambicanas foram (re)construídas em cima das "ruínas" deixadas pelo colonialismo. No passado colonial podemos encontrar a origem de muitas das marcas sociais e culturais que ainda desafiam ao homem moçambicano. No tecido social, no comportamento das pessoas podem encontrar-se, ainda, os traumas da escravatura, do trabalho forçado, da repressão colonial. Nesse passado estão as raízes de muitos dos problemas que continuam desafiando o projeto de construção de uma sociedade moçambicana livre e soberana” Ter presente a realidade colonial possibilita o resgate do imenso esforço do povo moçambicano para construir sua pátria livre e independente.⁴

¹ Maputo é a Capital da República de Moçambique. Antes da independência a cidade denominava-se Lourenço Marques.

² Mendes M. C. *Maputo antes da independência. Geografia de uma cidade colonial*, Memórias do Instituto de Investigação Científica Tropical . n.º 68 – 1985.

³ Buendía *A Educação Moçambicana - A História de um Processo: 1962–1984*, Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 1993.

⁴ Ibid. p. 9.

Buendía ⁵, relato-nos que ao longo dos anos de dominação colonial, a maioria da população local “*ignorada e escravizada*”, sendo usada predominantemente como força de trabalho. Com o surgimento do Estado Novo, Portugal pressionado pela comunidade internacional e pelo surgimento do nacionalismo africano depois da Segunda Guerra Mundial, viu-se obrigado a mascarar a sua política colonial através de um discurso falando da “*promoção social e assimilação cultural dos africanos*”, que entretanto estava longe de ser uma realidade, pois a característica do regime colonial não possibilitava nenhuma forma de integração sócio-cultural e política dos africanos .

A possibilidade de uma política colonial de cooptação de nacionalistas africanos foi, com frequência, inviável, devido, em grande parte, ao modelo de colonização portuguesa, que desprezava a cultura e a organização sócio-política africanas. Mais ainda, o caráter fascista do regime colonial inviabilizava qualquer tipo de participação política e social dos africanos.⁶

Buendía ⁷ afirma que, em 1961, Portugal no intuito de abrandar a pressão internacional, e pretendendo ser coerente com a “*pseudo*” (os grifos são meus) política de «promoção social e assimilação cultural dos africanos», abandona a sua política de assimilação declarando a todos os habitantes das suas colônias, cidadãos portugueses Tal atitude colonial não passou entretanto de uma farsa na medida em que não se verificou nenhuma alteração na condição de vida dos nativos

Até o momento da independência em 1975, a maioria dos moçambicanos, considerados em teoria portugueses, não viu melhorada sua condição de vida, nem possuía qualquer estatuto de cidadania.(....) Se, de um lado, a legislação afirmava a preocupação com o bem-estar social e com a assimilação cultural dos africanos, de outro, o interesse fundamental pela exploração do trabalho africano ficava escondido atrás de uma concepção preche de preconceitos racistas e paternalistas. A proibição do trabalho forçado, que sobreviveu praticamente até o fim do colonialismo, não passou do papel⁸

A pseudo intenção de “promoção social e assimilação cultural dos africanos”, poderia ser ilustrada através de exemplos, tais como o facto de antes da independência, aproximadamente 90% da população ser analfabeta, os serviços, espaços e equipamentos públicos de saúde, educação, culturais e desportivos estarem concentrados nas cidades, com predominância naquela parte da cidade habitada pelos portugueses.

⁵ Ibid. p. 31.

⁶ Ibid. p. 31.

⁷ Ibid. p. 35.

⁸ Ibid. p. 35.

FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DE LOURENÇO MARQUES

Falando sobre a cidade de Lourenço Marques, Mendes⁹ descreve que sob o ponto de vista do desenvolvimento urbano social, a cidade estava dividida em duas áreas residenciais distintas. De um lado, estava a designada “cidade de cimento” ou “cidade branca”, plenamente urbanizada e com infraestruturas sociais, de outro lado, situava-se o “caniço”- com grave carência de infraestruturas sociais e com disposição caótica das construções existentes. Torna-se bem patente na sociedade colonial, a existência de segregação social na localização, distribuição e uso do espaço urbano.

Julgamos ser útil o resgate e a recolha de informações que nos permitam, seguir e entender o processo de urbanização da cidade assim como, inteirarmo-nos das relações sociais existentes, das formas de ocupação do espaço e mais propriamente dos equipamentos desportivos.

Entre o momento da descoberta da Baía de Lagoa em 1544, pelo navegador português Lourenço Marques, e a sua ocupação efectiva por Portugal, a baía foi ocupada pelos holandeses, que pretenderam sem sucesso estabelecer laços comerciais com os indígenas e conquistar Monomotapa¹⁰. Após retirada dos holandeses, a baía de Lagoa foi palco de incursões de ingleses, franceses e austríacos, o que obrigou Portugal a reforçar a sua presença militar na região através da construção de um presídio e o envio de uma força militar em 1805. Com o intuito de promover e reforçar a ocupação, e desenvolvimento da zona sul do território moçambicano são criadas em 1825, as Companhias Comerciais de Lourenço Marques e a de Inhambane. Para Mendes,¹¹ o crescimento de Lourenço Marques, foi marcado por dois factores nomeadamente: “A proclamação da sentença arbitral de Mac-Mahon.¹² em 1875, reconhecendo a Portugal os direitos das terras de Maputo, Inhaca e Catembe e a descoberta de minas na África de Sul, trouxe como consequência, a construção imediata duma estrada de Lidemburg à capital moçambicana e o desenvolvimento do porto, que passou a ser utilizado por numerosos navios de diversas nacionalidades”.

Lourenço Marques desempenha as funções de centro administrativo e comercial da zona, sendo desde essa altura um povoado em que já se manifestada a segregação social por área de residência e condição sócio económica.

⁹ Mendes, op. cit., p. 26.

¹⁰ Império Africano, existente no séc. XVI.

¹¹ Mendes, op. cit., p. 26.

¹² Marechal Mac-Mahon, Presidente da República Francesa, que no arbitrio internacional, sobre a disputa da baía de Lagoa (entreposto comercial de importância estratégica para as necessidades de importação e exportação de produtos de e para a África do Sul), entre portugueses e ingleses, decidiu favoravelmente a Lisboa. Até a independência nacional de Moçambique, em 25 de Junho de 1975, o dia de Lourenço Marques era comemorado a 24 de Julho, data da sentença de Mac-Mahon em favor dos portugueses.

Em 1866 viviam em Lourenço Marques 1094 habitantes. Emily Piedade numa descrição de Lourenço Marques, datada daquele ano refere-se à sua distribuição no povoado. Segundo ela , o centro era a actual Praça sete de março, onde estava instalada a casa do Governador. As diversas zonas do povoado eram habitadas, por baneanes, árabes, filhos de Goa, cujas casas eram de pedra e zona dos portugueses mais pobres que habitavam em casas maticadas com tectos e colmo¹³

Mendes¹⁴ faz referencia que em 1876 é assinalada a primeira planta geral da cidade, altura em que o povoado é elevado à categoria de Vila , sem que entretanto tivessem existido alterações de realce na sua estrutura. O progresso urbanístico de Lourenço Marques e a alteração da sua fisionomia, é marcada com a chegada de uma expedição de Obras Públicas de Lisboa em 1887, que elaborou o primeiro plano de urbanização de Lourenço Marques e com a elevação da vila a categoria de cidade. A autora acrescenta que maioria da população habitante de Lourenço Marques estava instalada na parte baixa da cidade, referindo-se que as primeiras notícias da existência do bairro de caniço - xipamanine onde se alojavam negros data de 1928. Mendes¹⁵ assinala que já em 1930 existia segregação do espaço da cidade marcado pela condição sócio económica da população residente.

Os europeus localizavam-se na zona da ponta vermelha, polana e alto maé, sendo que neste ultimo bairros passou a registar-se um nº elevado de indianos ... Os bairros da Polana e da Ponta Vermelha eram essencialmente ocupados por estrangeiros, pois correspondiam às melhores áreas da cidade, mais arejadas, com melhor exposição ao sol e sobranceiros à baía...¹⁶

Na década de 50, o desenvolvimento de Lourenço Marques é marcado pela industrialização, que permitiu a abertura de novos empregos na industria, no comércio assim como a instalação de melhores vias de comunicação. Com o desenvolvimento da cidade, deu-se o crescimento e a expansão de mais bairros de “caniço”, onde residia a principal força de trabalho colonial os negros . A partir de 1960, o governo português reforçou as facilidades concedidas à emigração portuguesa para as colónias; e aumentou as formas de promoção económica e social da população portuguesa. Acelerou-se o ritmo de construção e cresceu o n.º de habitantes da cidade, passando de 178 565 habitantes naquele ano para 383 775 em 1970.

É de assinalar que o desenvolvimento comercial e industrial da cidade, o ritmo de construção, a promoção económica e social da sociedade colonial então edificada, era marcado pela segregação social muito forte, beneficiando apenas uma minoria, formada pelos detentores do poder “os brancos indianos e chineses” que viviam na “cidade de cimento” onde se concentravam os hospitais, escolas, zonas comerciais e de

¹³ Mendes, op. cit., p 81.

¹⁴ Ibid. p 82-92.

¹⁵ Ibid. p. 93-94.

¹⁶ Ibid. p. 93-94.

serviços, notários, bancos, salas de cinemas, teatros, hotéis, campos esportivos, restaurantes, bares monumentos históricos e culturais etc. Os negros que constituíam a grande maioria, empurrados para os bairros de “caniço”, que se caracterizavam, pela carência de espaços e serviços públicos, desde a falta de ruas, policiamento e proteção contra incêndios, serviços sanitários, escolas, falta de remoção apropriada de lixo, sistema de esgotos, eram duplamente excluídos dos bens sociais, culturais e desportivos existentes, pela ausência nos seus locais de residência, e porque o acesso aos equipamentos sociais existentes na cidade lhes era vedado, por terem uma condições socio-económica precária, e politicamente não terem “livre trânsito” a todos os locais de práticas culturais e desportivas.

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E UTILIZAÇÃO DO EQUIPAMENTO CULTURAL E DESPORTIVO

O Plano Director de Urbanização de Lourenço Marques de 1969¹⁷ e alguns dados extraídos de Noronha Feio¹⁸, sugerem-nos a existência de assimetrias profundas inter-districtais¹⁹, na distribuição espacial dos equipamentos desportivos e na prática de actividades desportivas. Num país de nove milhões de habitantes apenas 250.000 praticavam actividades físicas. Mais de 55 % dos praticantes de actividades desportivas, encontravam-se em Lourenço Marques, local onde eram praticadas 29 modalidades desportivas, Verifica-se que em 1966, o maior numero de praticantes de actividades desportivas, depois do atletismo (1131) e do futebol (995), concentrava-se nas seguintes cinco modalidades (que poderiam ser consideradas de modalidades de elite pelo elevado custo do equipamento utilizado): pesca desportiva (410), a vela (293), a natação (274), o judo (198) e ténis (189).

Os serviços coloniais responsáveis pela de Educação Física e Desporto em Moçambique realizaram um estudo²⁰, cuja parte final citamos:

Quanto maior o desenvolvimento duma população no campo económico e social, maior propensão haverá para a prática de actividades de ar livre e lazer. Normalmente só as populações com índice de nível de vida relativamente alto, dispõem de tempos livres que a levem à prática de tais actividades. Sem tempos livres, é difícil o seu aparecimento, e aqueles, só se conseguem com a racionalização do trabalho, características das sociedades de certo nível económico.²¹

¹⁷ *Relatório Geral do Plano Director de Urbanização de Lourenço Marques 1969*, Vol. XXIII. p 108.

¹⁸ Feio N. Desporto e Política (ensaio para a sua compreensão) p 90-97.

¹⁹ Antes da independência, Moçambique era considerada, província portuguesa e as suas actuais províncias eram consideradas distritos.

²⁰ “Assimetrias espaciais do desenvolvimento sócio-económico de Moçambique e as actividades gimnodesportivas”, realizado pelo CPEF, onde foram analisadas e feitas correlações entre as assimetrias districtais e indicadores económicos e de níveis de vida. A publicação dos resultados deste estudo na altura não foi autorizada. No livro de Feio encontramos apenas trechos desse estudo.

²¹ Feio, op. cit., p 91.

Não obstante, ser reconhecido que o lugar e a importância dada a prática de actividades desportivas no tempo livre é por um lado, em função dos “*hábitos adquiridos e fixados por uma adequada orientação técnico pedagógica*” transmitida na escola, clubes e outros organismos, e por outro, depende dos “*valores atribuídos a essa prática do ponto de vista de saúde, higiene e sócio cultural*”, o estudo na sua parte final recomenda: *Que as acções de fomento ginnodesportivo deveriam dirigir-se para aqueles sectores da população com um nível de vida mais elevado e para aqueles sectores da população cuja preparação sócio educativa desse garantias de uma efectiva administração e utilização do equipamento.*

Ora se o sistema social, cultural e educativo, estava montado de modo a excluir o nativo, da aquisição dos bens culturais existentes, o ensino estava-lhes vedado até ao início da guerra colonial e a implantação de equipamento cultural era inexistente nas zonas residenciais dos negros, em nossa opinião parece-nos que, a dita “*promoção social e assimilação cultural dos africanos*” era uma verdadeira farsa, e que o estudo atrás referido tinha como objectivo final, justificar a política de segregação do governo português, ajudando a manter desse modo a desigualdade social e cultural então vigente

Quanto à distribuição do equipamento de ensino, cultural e de recreio, é assinalado por Mendes²² que em Lourenço Marques, estavam instaladas quarenta e três escolas do ensino primário onde o seu raio de influencia médio de 750 metros, destes 43 estabelecimentos 9 eram particulares e 38 estabelecimentos do ensino oficial, a maioria das escolas estava situada na cidade de cimento, constatando-se que as taxas mais elevadas de escolaridade pertenciam a brancos e indianos, (os negros tinham apenas uma taxa de 6%.)

Em relação as actividades culturais de recreio e desportivas, Mendes²³ assinala que as actividades da imprensa estavam concentradas em Lourenço Marques onde, 3 dos 4 jornais diários, 3 dos 6 semanários e 25 das 36 publicações periódicas produzidas no país, eram publicadas em Lourenço Marques. Dentro do sector cultural é de assinalar a presença de 25 das 33 bibliotecas públicas em Lourenço Marques, assim como de 6 museus de arte, história e etnografia e ainda um jardim zoológico, um jardim botânico e um aquário. Ao património cultural da capital moçambicana, juntavam-se doze cinemas, com lotação de 10312 lugares. cinco casas de espectáculo localizadas na zona central da cidade. Registando-se a presença de um cinema no bairro do Xipamanine, que era propriedade de indianos, e projectava exclusivamente filmes realizados na união indiana, e ainda de duas salas de cinema localizadas a saída da cidade de cimento para servir a predominantemente população negra.

²² Mendes, op. cit., p. 211.

²³ Idem, p. 222-223.

Quanto ao equipamento desportivo Mendes²⁴ indica que a cidade era servida por 26 clubes de desporto e recreio todos instalados na área urbanizada do “cimento”, com excepção de três que se encontravam localizados junto ao mar. A autora observa ainda que equipamento de recreio era , na maior parte constituído por recintos de desporto ligados aos estabelecimentos de ensino e a clubes particulares, existindo muito poucos equipamentos municipais.

A utilização desse equipamento era fortemente marcada por uma segregação racial e sócio económica. Assinala-se a existência de clubes que eram frequentados só por indianos, clubes de indianos e brancos e clubes cuja entrada estava dependente da condição sócio económica. Como pode ser observado mais atrás um numero significativo de praticantes de actividades desportivas estava distribuído por modalidades de elitizadas pelo elevado custo do equipamento

Mesmo nos clubes instalados na área urbanizada, a frequentada por brancos, foi possível observar que a clientela se dividiu consoante o escalão sócio-económico em que se inseria. Os clubes dos bairros de Sommerschild, Polana , Ponta Vermelha e Carreira de Tiro eram utilizados por população europeia economicamente poderosa, enquanto os utentes dos clubes do Bairro de Malhangalene, da Av. Luciano Cordeiro e Av. Almirante canto e Castro pertenciam a um grupo economicamente mais baixo, e onde já se detectava a presença de indianos e mesmo de mistos. No caso das instalações do grupo desportivo 1º de Maio registrava-se a frequência de população negra, além da ultima.²⁵

Segundo Mendes a instalação deste equipamento na cidade não obedeceu a nenhuma regra de planeamento específica, mas sim, esteve mais de acordo com as facilidades concedidas pela câmara Municipal na obtenção de terrenos, com a excepção dos clubes cujas actividades estavam directamente relacionadas com o mar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso recuo ao recente passado colonial serviu para entender as relações sociais existentes na sociedade colonial e compreender as razões da actual distribuição do espaço e dos equipamentos na cidade de Maputo. Verifica-se que mesmo após 23 anos de independência, a actual segregação social do espaço da cidade, constitui um pesada herança colonial. Não obstante a estrutura social da cidade ter sofrido grandes transformações, (a maioria da população permanece no “caniço” mas uma parte da população habita hoje “ cidade do cimento”, existe liberdade de movimentação e livre acesso ao equipamento), as características físicas da cidade permanecem inalteráveis. Estas constatações levaram-nos ao longo do artigo a elaborar algumas questões, que de momento não serão respondidas, mas cremos

²⁴ Ibid. p. 223.

²⁵ Ibid, p. 223.

virem a constituir um guia para o nosso trabalho futuro:

- a) Quais as actividades desportivas subsistentes na actual sociedade? Qual é o perfil social dos praticantes desportivos nas diferentes modalidades?
- b) A divisão administrativa de Maputo comporta actualmente 5 bairros. Quais são os equipamentos desportivos existentes na cidade de Maputo e qual a sua distribuição espacial por bairro.?
- c) Qual é a situação dos subúrbios em relação aos espaços e equipamentos desportivos?
- d) Em que medida a população dos subúrbios, faz uso do equipamento existente na cidade?
- e) Quais tem sido as prioridades governamentais em relação a pratica e utilização dos equipamentos desportivos em Moçambique?
- f) Se durante a colonização a população não tinha acesso a maioria dos equipamentos desportivos, portanto não tinha estruturado hábitos e vivências relacionadas a utilização desse equipamento. Qual tem sido o papel e as acções governamentais no sentido permitir população esteja usufruindo desses bens culturais?
- g) Como estão distribuídos actualmente os equipamentos desportivos em relação a densidade populacional por bairro?

REFERÊNCIAS

- BUENDÍA, G. M. *A Educação Moçambicana - A História de um Processo: 1962–1984*. São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1993. Tese de Doutorado.
- FEIO, N. *Desporto e Política* (ensaios para a sua compreensão), Editora Compendium, Coleção Educação Física e Desporto.
- MENDES, M. C. *Maputo antes da independência*. Geografia de uma Cidade Colonial, Memórias do Instituto de Investigação Científica Tropical, n.º 68 – Lisboa, 1985.
- SERVIÇOS de Urbanização*. Relatório Geral do Plano Director de Urbanização de Lourenço Marques, 1969, Vol.XXIII.

Edmundo Roque Ribeiro

Universidade Pedagógica de Maputo

Referência do artigo:

ABNT

RIBEIRO, E. R. A segregação social e as atividades desportivas no contexto histórico colonial de Moçambique. *Conexões*, v.1, n. 1, p. 61-70, 1998.

APA

Ribeiro, E. R. (1998). A segregação social e as atividades desportivas no contexto histórico colonial de Moçambique. *Conexões*, 1(1), 61-70.

VANCOUVER

Ribeiro ER. A segregação social e as atividades desportivas no contexto histórico colonial de Moçambique. *Conexões*, 1998, 1(1): 61-70.